



ESCRITA DO DELÍRIO:

A FUNÇÃO CONTINENTE EM “UM SOPRO DE VIDA” DE CLARICE LISPECTOR

Adriane Centeno

WRITING OF DELIRIUM: THE CONTAINING FUNCTION IN “A BREATH OF LIFE” BY CLARICE LISPECTOR

ESCRITURA DEL DELIRIO: LA FUNCIÓN CONTINENTE EN “UN SOPLO DE VIDA” DE CLARICE LISPECTOR

RESUMO

Entre a literatura e a psicanálise, esta resenha propõe uma escuta da escrita de Um sopro de vida, de Clarice Lispector, como experiência-limite de linguagem. Publicado postumamente, mas escrito paralelamente a A hora da estrela, o livro se configura como uma tessitura entre o narrador e sua personagem, num jogo especular que tensiona a separação entre vida e ficção, sujeito e criação. A partir de uma abordagem psicanalítica argumenta-se que o texto clariceano realiza uma escrita do delírio, funcionando como continente para experiências psíquicas de desorganização, fragmentação e dor. A função continente, pensada aqui para além do enquadre clínico tradicional, é deslocada para o campo literário como gesto ético e estético que acolhe o informe, o indizível e o excesso. Escrever torna-se, assim, um modo de não desaparecer. Através dessa leitura, propõe-se uma aproximação entre os processos de criação e elaboração psíquica, ressaltando a potência da literatura como espaço de escuta e transmissão de estados mentais primitivos.

Palavras-chave: Psicanálise; Clarice Lispector; Escrita do delírio; Função continente; Elaboração psíquica; Literatura e sofrimento.

ABSTRACT

Between literature and psychoanalysis, this review proposes a listening to the writing of A Breath of Life, by Clarice Lispector, as a limit-experience of language. Published posthumously but written alongside The Hour of the Star, the book unfolds as a weaving between narrator and character, in a specular play that blurs the boundaries between life and fiction, subject and creation. From a psychoanalytic perspective, it is argued that Lispector's text enacts a writing of delirium, functioning as a container for psychic experiences of disorganization, fragmentation, and pain. The containing function, here rethought beyond the traditional clinical setting, is transposed into the literary field as an ethical and aesthetic gesture that welcomes the formless, the unspeakable, and the excessive. Writing thus becomes a way of not disappearing. Through this reading, an approximation is proposed between processes of creation and psychic

elaboration, highlighting the potency of literature as a space for listening to and transmitting primitive mental states.

Key words: Psychoanalysis; Clarice Lispector; Writing of delirium; Containing function; Psychic elaboration; Literature and suffering.

RESUMEN

Entre la literatura y el psicoanálisis, esta reseña propone una escucha de la escritura de *Un soplo de vida*, de Clarice Lispector, como una experiencia-límite del lenguaje. Publicado póstumamente, pero escrito en paralelo a *La hora de la estrella*, el libro se configura como un tejido entre el narrador y su personaje, en un juego especular que tensiona los límites entre vida y ficción, sujeto y creación. Desde una perspectiva psicoanalítica, se argumenta que el texto clariceano realiza una escritura del delirio, funcionando como un continente para experiencias psíquicas de desorganización, fragmentación y dolor. La función continente, pensada aquí más allá del encuadre clínico tradicional, se desplaza al campo literario como un gesto ético y estético que acoge lo informe, lo indecible y el exceso. Escribir se vuelve, así, una forma de no desaparecer. A través de esta lectura, se propone un acercamiento entre los procesos de creación y elaboración psíquica, resaltando la potencia de la literatura como espacio de escucha y transmisión de estados mentales primitivos.

Palabras clave: Psicoanálisis; Clarice Lispector; Escritura del delirio; Función continente; Elaboración psíquica; Literatura y sufrimiento.

Introdução

Há livros que não se deixam resumir, nem apressar. Livros que não oferecem trama, mas vibração. *Um soplo de vida*, de Clarice Lispector, é desses livros que não apenas se leem: acontecem. E ao acontecerem, não pedem compreensão; convocam escuta. Trata-se de uma escrita que pulsa mais do que explica, que se fragmenta mais do que se organiza, que inquieta mais do que consola. Uma experiência textual onde a linguagem se arrisca a ser, mesmo à beira do colapso.

Escrito entre 1974 e 1977, nos últimos anos de vida de Clarice, *Um soplo de vida* foi concebido paralelamente à redação de *A hora da estrela*, funcionando como uma espécie de



laboratório existencial e literário. Publicado postumamente em 1978, o livro foi organizado por Olga Borelli, que teve papel editorial decisivo ao reunir e articular os fragmentos deixados pela autora. Ainda que a publicação tenha ocorrido após sua morte, o texto é inteiramente obra de Clarice, que o construiu como espaço de elaboração psíquica e criativa.

Por isso, o livro ocupa um lugar liminar em sua obra, talvez o mais radical em termos de forma e experiência. A mediação de Borelli é indissociável da configuração final do volume, que assume a forma de um mosaico entre vozes que se entrelaçam: Autor, Ângela, Clarice; figuras que não se fixam, mas se contaminam mutuamente. É um texto à deriva entre a vida e a morte, entre o gesto de escrever e o esgotamento de existir. Ali, a distinção entre personagem, narrador e autora se dissolve, instaurando uma zona de indiscernibilidade onde a linguagem se confunde com o corpo e o delírio se escreve como resistência.

Nesta resenha, propomos uma leitura teórico-interpretativa do livro, à luz da psicanálise contemporânea, entendendo-o como um texto que encena o colapso da simbolização sem renunciar à tentativa de sustentar uma forma, por mais precária. Mais do que obra acabada, Um sopro de vida se apresenta como cena psíquica em estado bruto, onde a escrita atua como função continente (Bion, 1962/1991), capaz de alojar fragmentos do indizível, reverberações do traumático, restos do que não pôde ser nomeado.

A leitura aqui proposta se ancora numa escuta psicanalítica não clínica, que encontra no texto literário um campo de reverberação do inconsciente. Como nos propõem autores como Bion, Ogden, McDougall, Kristeva, Ferenczi, Green e Winnicott, trata-se de ler não em busca de significados, mas de acompanhar processos; o modo como o texto pulsa, hesita, sangra. Assim, o leitor é convocado não como intérprete, mas como presença afetada, em uma escuta que, como na clínica, se dá nas bordas da linguagem, no entre da frase, no ritmo de uma respiração que falha.

A obra clariceana será explorada a partir de quatro eixos de leitura que se entrelaçam: (1) a escrita como delírio e função continente; (2) a transmissão e a escuta viva; (3) o silêncio e o vazio pulsional; e (4) a dimensão corporal da linguagem. Em cada um deles, o que se buscará não é um fechamento conceitual, mas uma sustentação do inacabado; como

quem oferece, com delicadeza, um espaço de acolhimento para o que pulsa, sem forma, à beira do dizer.

A escrita-delírio e a função continente

Em uma entrevista concedida a Tânia Álvares e publicada na Folha de S.Paulo em 1977, Clarice afirmou que escrever era para ela uma forma de “respirar”. O gesto da escrita aparece, então, não como elaboração estética, mas como função vital. Em *Um sopro de vida*, essa ideia alcança seu paroxismo: escrever torna-se um modo de sobrevivência, uma prática que instaura existência. Escreve-se porque se sangra. Escreve-se para que a dor não se desintegre em silêncio. Escreve-se para que, mesmo fraturado, algo permaneça.

No romance, o Autor cria Ângela e a faz falar. Mas logo se torna evidente que não há domínio criador: Ângela se insinua como voz autônoma, quase invasiva, que fala apesar do Autor. Ele a cria, mas ela o ultrapassa. Essa reversibilidade entre criador e criatura, entre dentro e fora, entre eu e outro, configura a cena do delírio como montagem precária de um psiquismo em fratura. Há, no jogo entre as vozes, um exercício radical de despersonalização: os limites entre Clarice, Autor e Ângela colapsam — e com eles, também o limite entre realidade e ficção, sanidade e desorganização.

Do ponto de vista psicanalítico, esse entrelaçamento pode ser lido como encenação de um funcionamento psíquico primitivo, onde o eu ainda não se constituiu como unidade. Nos termos de Thomas Ogden (1992/1997), trata-se de um “espaço transicional da intersubjetividade”, um campo onde as fronteiras entre o self e o outro são instáveis, e onde a linguagem ainda está sendo conquistada como possibilidade de nomeação da experiência.

É nesse sentido que *Um sopro de vida* pode ser lido como um texto-delírio. Não no sentido clínico de psicopatologia, mas como gesto poético de resistência ao apagamento. O delírio aqui não é desrazão, mas linguagem em estado de emergência; uma forma de dizer o que não se pode dizer, uma invenção singular diante do impensável. Como aponta Joyce McDougall (1982/1991), o delírio pode surgir como tentativa desesperada de conter o excesso traumático e de conferir forma psíquica ao que ameaça despedaçar o sujeito. Nessas condições, a escrita funciona como função continente (Bion, 1962/1991): uma matriz simbólica provisória, capaz de sustentar algo da dor, mesmo sem organizá-la plenamente.

Se, como dizia Bion, pensar é consequência da capacidade de sofrer, o que se vê neste livro é a escrita como forma de pensar o impensável. Um pensar encarnado, que se faz corpo e ritmo, falha e sopro. Clarice parece ter intuído que escrever não era apenas produzir sentido, mas respirar quando não se tem ar. É essa respiração frágil, entre um fragmento e outro, entre a palavra e o silêncio, que o leitor acompanha, com o cuidado de quem escuta uma vida quase se apagando, mas ainda ardente.

Escuta e transmissão: a escrita como reverberação do outro

Ler *Um sopro de vida* exige do leitor uma escuta implicada; não intelectual, mas sensível. Não se trata de interpretar, mas de ser atravessado. Ler aqui é acolher o que vibra fora do significado, sintonizar com o que ecoa entre as palavras. A linguagem do livro, feita de cortes, repetições, lampejos e abismos, exige uma escuta que se afina ao modo como o inconsciente se manifesta: por entre ruídos, lapsos e restos.

É como se Clarice nos convocasse a um tipo de leitura que se aproxima da atitude clínica: uma escuta que não visa decifrar, mas acompanhar. Ogden (2005) propõe que o analista sustente uma escuta que vai além do conteúdo manifesto e se abre para as tonalidades afetivas do discurso; para sua musicalidade, seus silêncios, suas hesitações. Leitor e analista, neste ponto, se aproximam: ambos oferecem presença para que algo, que ainda não tem forma, possa emergir.

Essa escuta não se exerce sem risco. Em *Um sopro de vida*, o Autor teme ser capturado por Ângela, teme que, ao lhe dar voz, ela o devore. O que está em jogo é a possibilidade de perder-se no outro, de ser atravessado por uma alteridade sem contorno. Ao escrever, Clarice encena esse risco: ao dar corpo a vozes que não se sabe bem de onde vêm, abre-se àquilo que, uma vez surgido, não pode mais ser negado. Assim como a transferência na clínica, a escrita clariceana é atravessada por esse jogo de forças, por esse entrelaçamento inescapável entre eu e outro, que modifica a ambos.

A transmissão, conceito que atravessa a psicanálise de forma central, especialmente nas elaborações de Ferenczi e, mais tarde, nas de Abraham e Torok (1978/1995), está presente aqui não apenas como tema, mas como estrutura do próprio texto. Há, no livro, um desejo de passar adiante algo que escapa ao discurso ordinário. Um saber do corpo, um trauma não

metabolizado, uma dor que resiste à linguagem, mas que insiste, ainda assim, em ser partilhada. É nesse ponto que a escrita se torna uma forma de inscrição psíquica: não da memória organizada, mas daquilo que, mesmo sem nome, precisa ser legado.

Um sopro de vida parece operar como uma caixa de ressonância: não narra fatos, mas vibrações; não descreve, mas reverbera. E o que reverbera ali é algo que talvez só possa ser recebido, não compreendido. A escrita, nesse caso, funciona como matriz de transmissão; não de um saber, mas de uma experiência psíquica bruta, partilhada em estado de quase-colapso.

Silêncio, vazio e sopro: entre o colapso e o sopro de linguagem

“Tenho medo de enlouquecer porque perderia o meu pudor”, escreve Clarice. A frase, recolhida entre tantas no corpo fragmentado de *Um sopro de vida*, aponta para a proximidade entre criação e desintegração. Escrever, aqui, é aproximar-se do colapso sem sucumbir a ele, manter-se à beira da vertigem, mas com um fio de linguagem que ancora.

Nesse livro, a palavra não preenche, mas borda o vazio. A escrita não organiza a dor: apenas a acompanha. Há momentos em que ela se aproxima do balbúcio, em que o silêncio parece mais eloquente do que qualquer frase. A linguagem se enrosca, hesita, falha. E é nesse tropeço que algo se revela: não a verdade sobre o sujeito, mas sua precariedade fundamental. Como propõe André Green (1993), o vazio não é ausência, mas marca psíquica daquilo que não pôde ser representado, e que, por isso, retorna como silêncio denso, significativo.

O “sopro” que nomeia o livro pode ser lido como imagem desse instante liminar entre presença e ausência, entre palavra e silêncio. Não é brisa suave nem fôlego pleno, mas resquício de respiração: um quase nada que insiste. O sopro não se vê, mas se sente, e é por essa via que o texto afeta. Ele nos alcança não pelo que diz, mas pelo modo como pulsa. Como escreve Fiut (2015), a escrita de Clarice é feita de “intermitências”, de “ritmos descompassados” que provocam uma escuta mais corporal do que racional.

Bion (1962/1991) nos lembra que, diante do caos interno, a função psicanalítica da personalidade, quando possível, transforma o impensável em sonho, em imagem, em palavra. Em Clarice, essa função aparece como luta: o livro se configura como campo de batalha entre o horror do vazio e o desejo de nomear. Há uma ética aí, a ética de quem não foge da dor, mas

também não a aprisiona em formas rígidas. A linguagem, então, se oferece como sopro: tênue, mas vivo.

O silêncio em *Um sopro de vida* não é ausência de palavra, mas matéria da palavra ainda por nascer. Ao escrever o que escapa, Clarice deixa que o vazio se enuncie por meio do ritmo, da respiração, do intervalo.

Como propõe Julia Kristeva (1980), o silêncio pode ser mais que um vazio: ele é estrutura interna da linguagem, parte constitutiva do simbólico, borda do dizível. Ao escutar os silêncios da Autora e do “Ela”, nos aproximamos de uma forma de sentido que não se afirma, mas sussurra. Uma escrita que pulsa no limiar do significável, e que precisa, por isso mesmo, ser escutada com o corpo todo.

Conclusão — Escrever o delírio: entre o indizível e o continente

Um sopro de vida não é uma história, mas uma travessia. Não há começo, meio e fim, mas fragmentos em suspensão, em busca de um lugar possível. A escrita de Clarice não organiza o caos: ela o sustenta. Como uma função continente, o livro oferece bordas àquilo que ameaça não ter forma; angústias sem nome, pensamentos quase delírio, pulsões em ebulição.

Essa sustentação, no entanto, não se dá sem fissuras. Clarice não impõe sentidos nem busca totalidades. Ao contrário: acolhe o entrecortado, o falho, o balbuciante. Como propõe Bion (1962/1991), é justamente no não saber, na disposição para ser transformado pela experiência emocional, que a função continente se realiza. *Um sopro de vida*, nesse sentido, se configura como escrita que escuta, que reverbera, que acompanha sem dominar.

Clarice escreve à beira do abismo. E é esse risco que dá potência à sua obra. Há algo de profundamente ético na sua recusa em fechar o que está em aberto, em não trair o indizível com explicações apressadas. Seu texto exige que o leitor escute com o corpo, com a pele, com o inconsciente. Neste ensejo de pertencimento e exílio, recorda-se de como diria Fernando Pessoa: “Minha pátria é a língua portuguesa.” Mas aqui, essa pátria não é território de estabilidade, é lugar de invenção e de afeto em estado bruto.

Ao escrever esse livro nos seus últimos anos de vida, Clarice não apenas enfrentou o colapso, como o bordejou com coragem. E, ao fazê-lo, legou aos leitores um espaço de



transmissão sensível; não de verdades, mas de presença. Sua escrita não se encerra: reverbera. Como um sopro.

Referências

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. *O livro do hospedeiro: ensaios de psicanálise*. Tradução de Tania Bittar Costa. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BION, Wilfred R. *Aprender com a experiência*. Tradução de Domingos Azevedo da Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Obra original publicada em 1962).

CHATELARD, Frédéric; MAESSO, Mariana. *Corpo e cultura: a psicanálise e o olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2009.

FIUT, Luís Augusto. *Clarice Lispector: signos e significações*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

GREEN, André. *O trabalho do negativo*. Tradução de Maria Beatriz Sette; João Carlos Motta de Castro Santos. São Paulo: Escuta, 1993.

JERUSALINSKY, Jair. A constituição do sujeito e o processo de luto: aportes psicanalíticos ao trabalho clínico com crianças. In: KUPFER, Maria Cristina Machado (Org.). *A constituição do sujeito na contemporaneidade: impasses e saídas*. São Paulo: Escuta, 2008. p. 117–140.

KRISTEVA, Julia. *Poderes da perversão*. Tradução de Maria Beatriz Sette. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

MARTY, Pierre. *O pensamento operatório*. Tradução de Maria Aparecida Gauer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

McDOUGALL, Joyce. *Teatros do corpo: psicossoma e psicoterapia*. Tradução de Sérgio Cohn. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Obra original publicada em 1982).

OGDEN, Thomas H. *A matriz do eu e a linguagem da psicanálise*. Tradução de Maria Virgínia P. da Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Obra original publicada em 1992).

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

VILHENA, Jorge de; VILHENA, Jorge Ferreira de. *Corpo, imagem e alimentação: clínica dos transtornos alimentares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.